

FUNCIONAMENTO DISCURSIVO E CIBERESPAÇO

Marcelo da Silva©

RESUMOⁱⁱⁱ

Este trabalho visa analisar o funcionamento discursivo na materialidade do *World Wide Web*, e entender como o sujeito "navega" nesse "mar" de fibras óticas onde o real e o virtual se confundem, onde a interlocução, a produção discursiva, acontecem em um novo suporte. Para isso, serão analisadas mensagens sobre união civil registrada de pessoas do mesmo sexo e guarda de menores por homossexuais femininos e masculinos, participantes de um fórum de discussão do site *Yahoo* denominado *AAGLS-BR* (Associação de acadêmicos gays, lésbicas e simpatizantes - Brasil).

PALAVRAS-CHAVE: ciberespaço, discurso, funcionamento.

INTRODUÇÃO

Nossos ancestrais mais diretos, de acordo com Lévy (1998a), habitavam todos a mesma zona geográfica e, na origem, não passavam de alguns milhares, sendo até provável que falassem a mesma língua ou línguas próximas, havendo, assim, comunicação uns com os outros. A partir desse ponto de partida unitário, quase mítico, a humanidade separou-se, dispersou-se. Para Lévy, devido o afastamento geográfico, os grupos não entraram mais em contato, começaram a existir divergências de línguas, separaram-se progressivamente as culturas e inventaram-se mundos subjetivos e sociais. Mas por que houve essa ruptura? Essa diáspora?

Em um primeiro período, a sociedade era baseada na caça-coleta, era o período que Lévy denomina de *paleolítico*; não sendo os caçadores/coletores sedentários, o desenvolvimento demográfico traduzia-se na cisão do grupo inicial em sub-grupos à procura de novos territórios para exploração.

Em um segundo período, denominado *revolução neolítica*, foi inventada a agricultura e, com ela, a cidade, o Estado e a escrita. Este período foi de grande mutação técnica, social,

cultural, política e demográfica; no neolítico a humanidade teve a possibilidade de sedentarizar-se, de concentrar-se, acumulando riquezas e registrando. Logo, um novo espaço-tempo estruturou-se: o dos territórios, dos impérios e da história. Uma primeira

tendência à conexão, à reunião ou à comunicação intensa inverte, portanto, o movimento precedente de dispersão. Entretanto esse processo permanece em escala regional e apesar das suas relações comerciais (fortalecidas) de longa distância que conectam as regiões afastadas do mundo antigo, a humanidade resta fragmentada (LÉVY 1998a:38).

O terceiro período começa no fim do século XV e prossegue aceleradamente até hoje. Esta nova fase pode ser datada a partir do *descobrimento* da América por Cristóvão Colombo, pois é nesse momento que começa ocorrer a interconexão das principais partes do mundo. No fim da Idade Média e, ainda na metade do século XX, a maioria dos seres humanos vivia no campo, mas a Revolução Industrial fez com que isso mudasse, pois a população começou a concentrar-se nas cidades. Com o desenvolvimento dos transportes e das comunicações, as zonas urbanas ficaram cada vez mais interconectadas entre si: densas redes de transporte e comunicação, cada vez mais complexas, atravessaram e atravessam essas zonas urbanas, com um grande fluxo de informação e diversidade humana.

É nesse período de complexidade e evolução nas comunicações e nos transportes que cresce a frequência de viagens, que decresce os custos destas viagens e tornam-se mais eficientes os meios de transporte e de comunicação. Começa-se a utilizar um terceiro estado, chamado por Lévy de *móvel*, na sociedade urbana mundial. Multiplicando os contatos, esta nova condição, *móvel*, contribui para o reencontro e a reconexão da

humanidade consigo mesma. Uma vez o planeta

explorado (no paleolítico), conquistado (neolítico), posto em relação (tempos modernos), o crescimento demográfico não leva mais à separação e ao afastamento, como no tempo dos caçadores/coletores, mas, ao contrário, conduz à intensificação dos contatos em escala planetária (LÉVY 1998a:39).

Podemos relacionar esta divisão feita por Lévy no que Delumeau (1997) chama de *nostalgia do futuro*, pois ao separar esses períodos, Lévy se inscreve em uma separação milenarista da história. Ao serem feitas todas as demarcações dos períodos da história humana, o milenarismo apresenta-se, segundo Delumeau, a partir de Séguéy, “como o retorno a um modelo de *princípio* e um aperfeiçoamento dessa mesma matriz”. Esse retorno/aperfeiçoamento gera o que denomina-se “a duradoura esperança de reencontrar no futuro o paraíso terrestre das origens” (DELUMEAU, 1997:11).

O progresso das técnicas de transporte e de comunicação é, ao mesmo tempo, motor e manifestação do relacionamento da sociedade urbana mundial. “Esta nova condição, ‘móvel’, multiplicando os contatos, contribui para o reencontro e a reconexão da humanidade consigo mesma” (LÉVY 1998a:39).

Entre os transportes e as comunicações o efeito é de influência mútua: navegação de longo curso e imprensa nasceram juntas, o desenvolvimento dos correios estimulou e utilizou a eficiência e a segurança das redes viárias, o telégrafo e as ferrovias expandiram-se ao mesmo tempo, telefone e automóvel avançam em paralelo, rádio e televisão são contemporâneos da aviação e da exploração espacial, computadores e ciberespaço acompanham o desenvolvimento dos transportes aéreos, extensão de auto-estradas, linhas de trem de grande velocidade e a banalização das viagens e do turismo. “Como na origem, mas segundo outra escala, a humanidade forma novamente uma só sociedade” (LÉVY 1998a:40). É a “Conexão Planetária” (LÉVY, 2001); um mundo em processo de rápida unificação através das tecnologias de comunicação, do ciberespaço e da cibercultura.

Vivemos um inelutável processo de constituição de uma sociedade unificada e solidária, via ciberespaço, já que desde a queda do Muro de Berlim, não há mais senão um grande império dominando o mundo: um império não territorial, um império das redes, um centro que faz sentir suas influências por toda a parte e que arrasta consigo o resto do planeta em sua ascendência em direção ao poder. (...) ...é um centro virtual, um centro de inteligência coletiva. A humanidade encontra-se pela primeira vez em uma situação quase-unidade política (LÉVY, 2001:24).

É nesse contexto de reconexão, interconexão da sociedade, que se desenvolve a informática, a qual fica cada vez mais avançada, com redes digitais que abrigam um universo de comunicação ligado através de redes *on-line* do tipo *Internet*, formando um mundo à parte. Esse mundo à parte, conforme Lévy (1998), o *World Wide Web*, se refere aquele chamado hoje de ciberespaço ou mundo virtual.

Esse termo, ciberespaço, é de origem americana (*cyberspace*) e foi empregado pela primeira vez pelo autor de ficção científica William Gibson no romance *Neuromancer* de 1984 (ROBIN, 2001). O termo designava o mundo “das redes digitais como espaço de encontros e de aventuras, terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural” (LÉVY, 1998b:104). Nas palavras de ROBIN (2001:260),

Le cyberspace n'est donc pas simplement une nouvelle Utopie, une nouvelle Amérique ouverte aux colonisateurs at prête à se structurer d'après la volonté des entrepreneurs de réseaux, c'est aussi le lieu de déploiement d'une nouvelle manière d'être au monde, de penser le monde et d'agir sur lui.

Atualmente o significado do termo ciberespaço abrange “menos os novos suportes de informação do que os modos originais de criação, de navegação no conhecimento e de relação social por eles propiciados” (LÉVY, 1998b:104). Lévy cita alguns dispositivos que pertencem ao ciberespaço: o hipertexto, os *videogames*, a multimídia interativa e a realidade virtual. O *World Wide Web* é um sistema de comunicação que permite interconectar, através de vínculos hipertextos,

todos os documentos digitalizados do planeta disponíveis a esse tipo de interconexão, tornando-os acessíveis a partir de qualquer ponto do globo. Para Broadbent & Cara (2001)ⁱⁱⁱ,

l'internet est un puissant média interactif (...) qui peut permettre aux éditeurs de sites comme aux sages de créer de nouvelles formes d'accès et de partage de contenus. Sa capacité relationnelle, dont l'hypertexte est une première forme, est ce qui rend ce média unique.

Como podemos ver o computador ocupa um lugar de troca, de produção e de estocagem de informação, diferentemente da televisão e do rádio, pois esses dois últimos não passam de uma extremidade de rede, uma periferia, aonde toda a informação chega pronta; ao canalizar e entrelaçar múltiplos fluxos, o computador torna-se um centro virtual, um instrumento de poder ainda mais forte que a televisão e o rádio (LÉVY, 1998a). De acordo com Wolton (2000:86), "le nombre d'ordinateurs connectés à Internet semble l'indice le plus précis du degré de développement d'un pays, voire de son degré d'intelligence..."

Do nosso objeto

A comunicação no ciberespaço, como explica Lévy (1998a), combina vantagens tanto da imprensa, do rádio e da televisão quanto do correio e do telefone, pois permite, ao mesmo tempo, a partilha de um contexto, vantagem dos três primeiros e, a reciprocidade na comunicação, vantagem dos dois últimos. Numa discussão eletrônica, por exemplo, uma pessoa envia uma mensagem a um determinado grupo de pessoas, entre os participantes do grupo, alguns respondem àquela primeira pessoa, então, outros respondem à resposta dada anteriormente e assim por diante... Através do registro das mensagens, forma-se um contexto do grupo de discussão, contexto esse formado pela interação dos seus participantes, "c'est une population d'usagers relativement récente, qui est apparue dans les deux dernières années quand l'Internet s'est généralisé à un type de consommateurs moins pionniers" (BROADBENT & CARA 2001).

Para o desenvolvimento desse trabalho escolheu-se como objeto de análise mensagens de participantes de um grupo de discussão do

site www.yahoo.com.br denominado ASSOCIAÇÃO DE ACADÊMICOS GAYS, LÉSBICAS E SIMPATIZANTES (AAGLS-Br)^{iv}. De acordo com Nussbaumer (2001:80),

no ambiente comunicacional do ciberespaço, comunidades virtuais vão se instalando e outras formas de sociabilidade vão se estabelecendo a partir de interesses comuns e de uma socialidade eletiva que justifica sua existência e perduração. Entre as comunidades que habitam a internet destaca-se a GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), que vem ganhando visibilidade e usufrui características importantes da rede, como o anonimato.

A AAGLS-Br é uma sociedade civil, sem fins lucrativos que reúne homens e mulheres com orientação homossexual e simpatizantes vinculados à vida acadêmica universitária, tendo como unificador o interesse em discutir e compartilhar informações sobre os diferentes problemas culturais, sociais e históricos referentes à homossexualidade. São incluídos na categoria de "acadêmicos/acadêmicas" professores e pesquisadores universitários, profissionais de nível superior, estudantes universitários de graduação e pós-graduação, assim como pessoas que estejam realizando pesquisas relacionadas à sexualidade.

A AAGLS-Br funciona como uma lista de discussão pela Internet, onde cada participante envia via e-mail mensagens relativas à temática da lista. A AAGLS-Br é coordenada por um moderador, o professor Luiz Mott^v, <luizmott@ufba.br> do Departamento de Antropologia da Universidade Federal da Bahia e tem um Secretário, o acadêmico de Psicologia da UNB, Jaques Jesus <jaquesjesus@yahoo.com>.

Este grupo de discussão tem como objetivo promover o intercâmbio intelectual e a aproximação de acadêmicos gays, lésbicas e simpatizantes do Brasil entre si e com os de outros países e associações congêneres. Através da troca de mensagens entre os participantes, busca-se promover discussões interdisciplinares sobre os diferentes temas ligados à sexualidade humana em geral e à homossexualidade em particular. Para isso, são discutidos temas inerentes à homossexualidade, tais como direitos humanos, cidadania, união civil,

educação sexual, etc; sendo realizado também o levantamento bibliográfico da produção acadêmica científica e literária consagrada à homossexualidade no Brasil.

O grupo de discussão recebe mensagens de seus participantes de acordo com o tema proposto pelo grupo, a homossexualidade. É a partir dessas mensagens, compartilhadas pelo grupo, que foi formado o corpus do presente trabalho.

Para que isso fosse feito, foi necessário participar do grupo de discussão, uma vez que era preciso ter acesso às mensagens compartilhadas entre os participantes. Então, criamos um e-mail, glaucus-sm@bol.com.br e, com este e-mail, fizemos nossa inscrição no grupo. Já inscritos, recebíamos mensagens quase que diariamente, sendo que, uma vez por semana, todas as mensagens recebidas eram analisadas e arquivadas em disquete.

É a partir desse corpus, desse contexto memorizado que foi feito o recorte para a análise do trabalho. Para o recorte foram utilizadas mensagens que abordam a união civil registrada de homossexuais, bem como a posse de guarda de menores por homossexuais masculinos e femininos. O recorte do material levantado, a partir da questão colocada e em face dos materiais e do objetivo da análise, foi realizado de maneira que atendesse à questão da constituição do corpus, visando construir uma montagem discursiva que obedecesse a critérios que decorrem de princípios teóricos da Análise de Discurso (ORLANDI, 1999).

Percurso Teórico

Etimologicamente a palavra discurso tem idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento (ORLANDI, 1998a); discurso é, dessa forma, palavra em movimento, prática de linguagem. Nessa perspectiva, a linguagem é concebida como a mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. “Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade, quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive” (ORLANDI, 1999:15).

Segundo Orlandi (1999), na perspectiva discursiva^{vi}, a linguagem é a linguagem porque faz sentido e, a linguagem só faz sentido, porque se inscreve na história. “Todo o

funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásicos e processos polissêmicos” (ORLANDI, 1999:36). Segundo esta autora, os processos parafrásicos são aqueles em que o dizer se mantém, em que há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória (são as diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado e estão do lado da estabilização); já os processos polissêmicos são aqueles em que há o deslocamento, a ruptura dos processos de significação (nesses processos é que acontece o jogo do equívoco). A paráfrase e a polissemia fazem com que haja no discurso a tensão entre o mesmo e o diferente, pois toda vez que falamos, ao utilizarmos palavras já ditas, mexemos na rede de filiação dos sentidos. Dessa forma, podemos afirmar

que a paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo, e a polissemia é a fonte da linguagem uma vez que ela é a própria condição de existência dos discursos, pois se os sentidos – e os sujeitos – não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria a necessidade de dizer” (ORLANDI, 1999:38).

Na formação discursiva, ao invés do sentido existir em si, ele é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas, assim, o sentido de determinada palavra muda de acordo com a posição daquele que a emprega. A formação discursiva se define

como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito (ORLANDI, 1999:43).

O progresso das técnicas de comunicação, apresentado de acordo com a sistematização feita por Lévy é, ao mesmo tempo, motor e manifestação do relacionamento da sociedade urbana mundial. No reencontro/reconexão da humanidade consigo mesma, a linguagem pode ser concebida como a mediação necessária entre o homem e sua realidade social. É nessa condição, móvel, que os sistemas de comunicação se desenvolvem, evoluem; é nesse período, em que há um processo de rápida unificação através das tecnologias de comunicação, do ciberespaço e da cibercultura,

que os suportes se transformam, adquirem novas significações.

Percurso Analítico

Como se dá o funcionamento do discurso do sujeito que “navega” nesse “mar” de fibras óticas, nessa materialidade dita metálica, onde o real e o virtual se confundem, onde a interlocução, a produção discursiva, acontecem em um novo suporte?

Com as novas tecnologias de linguagem, à memória carnal das línguas “naturais” juntam-se as várias modalidades da memória metálica, os multi-meios, a informática, a automação. Apagam-se os efeitos da história, da ideologia, mas nem por isso elas estão menos presentes. Saber como os discursos funcionam é colocar-se na encruzilhada de um duplo jogo de memória: o da memória institucional que estabiliza, cristaliza, e, ao mesmo tempo, o da memória constituída pelo esquecimento que é o que torna possível o diferente, a ruptura, o outro (ORLANDI, 1999:10).

Nossa hipótese é de que o funcionamento discursivo nessa nova materialidade permanece estabilizado, se mudanças existem, elas estão mais relacionadas ao suporte utilizado. Será que com a mudança do suporte é o próprio visual-papel que passa a ser um visual-tela? Esta é a questão que pretendemos responder através da análise de nosso corpus de pesquisa.

Para o recorte do trabalho foram utilizadas mensagens^{vii} que abordavam a união civil registrada de homossexuais, bem como a posse de guarda de menores por homossexuais masculinos e femininos. As mensagens armazenadas para a análise correspondem ao período de tempo decorrido entre 12/09/2001 e 25/01/2002. Elas contabilizam 25 mensagens, sendo destas, 7 referentes à parceria civil registrada de homossexuais e 18 referentes à posse de guarda de menores por homossexuais masculinos e femininos.

Para a análise, iniciamos por um primeiro gesto de leitura das mensagens que fazem parte do nosso corpus de pesquisa. Nesse gesto de leitura procuramos verificar em que elas se assemelham e em que elas se diferem, para que, na “tensão entre o mesmo e o diferente”

(ORLANDI, 1999:38), possamos verificar como se dá o funcionamento discursivo.

Quanto às semelhanças, o que nos chama a atenção é a própria configuração e apresentação das mensagens, pois elas possuem uma mesma sistemática tanto na constituição enquanto formato, quanto na apresentação do conteúdo. As mensagens possuem características que são recorrentes, que sedimentam a forma de sua apresentação, que estabilizam o que é dito e a forma como é dito. Esta estabilização é verificada em vários níveis, a começar pela constituição da própria apresentação das mensagens, passando pelo seu conteúdo.

As mensagens iniciam dessa forma: *Mensagem #, data, de* (remetente) e *assunto* (tema). Poderíamos dizer em uma primeira leitura discursiva que o funcionamento enquanto estrutura do discurso se configura pelo/no próprio meio de envio e recebimento de mensagens. Para fazer parte das mensagens compartilhadas pelo grupo, se faz necessário, no envio destas para todos os participantes via rede, organiza-las pelo seu número, quando mais de uma, data-las, especificar o remetente e o assunto. Como exemplo, podemos apresentar a parte inicial da mensagem 2, referente à união civil registrada e a da mensagem 9, referente à guarda de menores:

Exemplo 1

Mensagem 2

Data: Sat, 29 Sep 2001 09:59:49 -0300

De: Luiz Mott luizmott@ufba.br

Assunto: JUÍZA GAÚCHA DEFENDE UNIÃO HOMOSSEXUAL NA BAHIA

Exemplo 2

Mensagem 9

Data: Wed, 24 Oct 2001 18:49:14 -0200

De: Luiz Mott luizmott@ufba.br

Assunto: DECISÃO HISTÓRICA NA ADOÇÃO EM MINAS

Em relação ao conteúdo das mensagens, a estabilização é dada na maneira como o tema é apresentado, ocorre uma repetição de caráter

temático. As mensagens ou repetem o tema da união civil registrada de homossexuais:

Mensagem 2: (...) Dra. Maria Berenice Dias... ...faz palestra... ...sobre *união civil entre homossexuais*...

Mensagem 3: (...) ...foi aprovada ontem na Colômbia... ...o projeto de lei que legaliza as *uniões homossexuais* do país. (...)

Mensagem 4: (...) Terminando repetindo: jamais eu iria a público falar contra o *PCR*, sequer duvidando que nossos deputados deixariam de aprova-lo.(...)

Mensagem 5: (...) ...supressão da expressão *HOMEM e MULHER* do §3º do art. 226 da CF resolveria todos nossos problemas legais que o *PCR* e o *PS (pacto de solidariedade)* apenas nos conferem migalhas(...)

Ou repetem mensagens em que o tema tratado é o da guarda de menores por homossexuais masculinos e femininos:

Mensagem 12: ...Pai e companheira de Cássia Eller vão brigar na Justiça pela *guarda* de Chicão. (...)

Mensagem 16: (...) ISTOÉ - Com quem deve ficar a *guarda* do seu neto? Eller - É um assunto delicado...

Mensagem 22: ...Avós de Chicão têm preferência. Presidente do Supremo afirma que direito de sangue é critério para definir *quem ficará com* o filho de Cássia Eller (...)

É nessa estabilização, ocorrida pela própria repetição, que se estabelecem os processos parafrásicos, pois ao repetir os modelos, os temas, os participantes do grupo de discussão fazem com que o dizer se mantenha, "são as diferentes formulações do mesmo dizer que se sedimenta pela própria repetição" (ORLANDI, 1999:36).

Em relação às diferenças, o que nos chama a atenção são os diferentes textos incluídos nas mensagens, ou seja, o trabalho intra/interdiscursivo do dizer¹⁸. Os participantes do grupo de discussão, na apresentação das mensagens a respeito da guarda de menores (adoção) por homossexuais, apresentam textos da mídia impressa e eletrônica. Vejamos alguns exemplos:

Mensagem 19: *CORREIO BRASILIENSE*, 5-1-02. A morte de Cássia Eller deixou seu filho... ...no centro de *duas disputas*. (...)

Mensagem 23: *JB on Line*... ...juiz da 1ª Vara da Infância e Juventude... ...concede a *guarda provisória* do filho de Cássia Eller... ...a Maria Eugênia Vieira, companheira da cantora nos últimos 14 anos. (...)

Mensagem 25: (...) O deputado estadual Chico Aguiar lançou um manifesto de apoio à Maria Eugênia Martins para que ela consiga a *tutela definitiva* do filho de Cássia Eller, o Chicão. (...) *Revista Consultor Jurídico*, 17 de janeiro de 2002.

Mensagem 18: ...Outro capítulo dramático começa agora, na *definição do futuro de seu filho*... ...a quem Cássia chamava de Chicão. (...) A URL da matéria é http://www2.uol.com.br/veja/090102/p_074a.html (...)

Nesse dizer, o grupo de discussão se inscreve em um processo polissêmico, pois é na apresentação de diferentes fontes a respeito do assunto debatido que há o deslocamento, a ruptura, dos processos de significação. Esse dizer é resignificado por essa mídia apresentada e, ao mesmo tempo, no grupo de discussão, essa mesma mídia é resignificada. O grupo de discussão, rompendo com os sentidos, resignifica as expressões *guarda de menores* e *parceria civil registrada* à medida que utiliza a mídia para trazer esses temas à discussão. É pela formação discursiva posta que acontece a resignificação dos sentidos, pois pode-se dizer que ao invés do sentido existir em si, ele é

determinado pelas condições sócio-históricas e ideológicas em que as palavras estão sendo produzidas. O sentido de determinada palavra se altera, se alterna, de acordo com o momento e a posição daquele que a emprega, pois como sabemos, a formação discursiva é definida

como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito (ORLANDI, 1999:43).

Dessa forma, podemos verificar que o grupo de discussão, ao utilizar os termos *União Civil Registrada* e *Guarda de menores*, resignifica seus sentidos. Pode ser feita a pergunta, a *União Civil Registrada* se opõe a que outra união civil? Ser *civil* já não é um pressuposto de ser *registrado*? Ou ainda qual a diferença que se quer levantar em relação às pessoas que podem adotar menores? É a opção sexual?

É na verificação das condições sócio-históricas e ideológicas que podemos entender a resignificação do sentido das palavras. O material em análise é produzido, circulado e debatido em um período sócio-histórico de mudanças culturais, num momento em que a visão judaico-cristã de família não tem mais plena sustentação em modelos pré-concebidos, momento em que a sociedade está em pleno processo de liberação, de aceitação do diferente, do que fica à margem, do que (era) é discriminado.

O sentido de *União Civil Registrada* e *Guarda de menores*, acompanham as mudanças na significação do modelo da família ocidental. Quando se fala de “união civil”, começa-se a não se pensar mais somente em casais heterossexuais, o roll de possibilidades se expande, se diversifica. O mesmo ocorre quando se fala em posse de guarda de menores, as possibilidades de quem pode ou não adotar uma criança se movimentam. Essas mudanças acompanham a revolução dos não-heterossexuais, pois ao saírem “do armário”, os não-heterossexuais dizem não a guetificação, se unem, lutando por seus direitos civis, tentando trazer à normalidade da vida civil sua maneira de viver, de se relacionar. Ocorre a tentativa de adaptação do *modus vivendi* civil ao *modus vivendi* não-heterossexual.

Pode-se dizer que os participantes do grupo de discussão AAGLS-BR, ao constituírem seu discurso, rompem os processos de significação na busca de outros dizeres, das mais variadas fontes, construindo o que podemos chamar de resignificação de sentidos, pois, ao repetir, permanecendo e, ao diferir, rompendo, há a tensão entre o mesmo e o diferente, fazendo com que os sentidos se movimentem, se alternem, se alterem.

CONCLUSÃO

Voltando a nossa hipótese, podemos afirmar que o funcionamento do discurso do sujeito que “navega” nesse “mar” de fibras óticas, onde o real e o virtual se confundem, onde a produção discursiva acontece em um novo suporte, acontece de maneira semelhante ao funcionamento discursivo do suporte já instaurado. É utilizando *dizeres outros, mídias outras*, que se estabiliza o que é dito e a forma de como é dito. Nesse novo suporte, no *sair do armário*, o homossexual encontra um lugar onde tem a possibilidade de dizer o que pensa, é no grupo de discussão que ele diz.

Verificamos que nessa nova materialidade, nesse novo suporte, o funcionamento discursivo ocorre de forma semelhante ao que ocorre no suporte já instaurado. O que ocorre é a mudança do próprio suporte, pois se muda de um “codex” para um “écran” (CHARTIER, 1994), com isso, é o visual-papel que passa a ser um visual-tela, trazendo consigo diferenças e semelhanças no que se refere ao armazenamento de dados, assim como, facilidades/dificuldades na utilização desses dados, próprias de cada suporte (MANGUEL, 2000).

O novo suporte em si é diferente, mas ao ser diferente, está estabilizado. Ao mesmo tempo em que existe o diferente, também existe o que estabiliza, o que já estabilizou ou o que está estabilizando. Ao dizer que é uma nova materialidade, se estabilizam sentidos, o suporte muda, mas a “discussão”, bem como seu processo de funcionamento, continuam sendo os mesmos.

No que tange à análise do funcionamento discursivo nessa nova materialidade, seja para verificar como se dá a estabilização, tanto pela repetição de formas, quanto de temas e de conteúdo, seja para

verificar em quais são as instâncias em que se processa o diferente ou, seja ainda para verificar como se dá o jogo do mesmo e do diferente, o sujeito navega nesse mar de fibras fazendo falar dele e do outro, inventando a si com o outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROADBENT & CARA. **La nouvelle architecture de l'information.** Disponível na Internet no site: http://www.text-e.org/conf/index.cfm?fa=printable&ConfText_ID=10

CHARTIER, Roger. **Du Codex à l'Écran: les trajectoires de l'écrit.** Disponível na Internet: <http://www.info.unicaen.fr/bnum/jelec/Solaris/d01/1chartier.htm>.

DELUMEAU, Jean. **Mil Anos de Felicidade: Uma História do Paraíso.** Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LÉVY, Pierre. **A revolução contemporânea em matéria de comunicação.** Trad. J. M. da Silva. **Famecos: mídia, cultura e tecnologia.** Porto Alegre, n. 9, p. 37-49, dez. 1998a.

_____. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** Trad. L. P. Rouanet. São Paulo: Loyola, 1998b.

_____. **A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência.** São Paulo: Editora 34, 2001.

MANGUEL, Alberto. Trad. Christine Le Boeuf. **Dans la forêt du miroir.** Paris: Actes Sud/Leméac, 2000.

NUSSBAUMER, Gisele M. **Fora do armário: a cibersocialidade em uma lista de discussão gls. Janelas do ciberespaço, comunicação e cibercultura.** Porto Alegre: Sulina, 2001.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** Campinas, SP: Pontes, 1999.

ROBIN, Régine. **Lé Golen de l'Écriture: De l'autofiction au cybersoi.** Montréal (Québec): XYZ Éditeur, 2001.

WOLTON, Dominique. **Internet, et après? Une théorie critique des nouveaux médias.** Paris: Champs Flammarion, 2000.

NOTAS

¹ Trabalho inserido no Projeto de Pesquisa Identidade, discurso e sociedade: a invenção de si e do outro na cultura do ciberespaço, desenvolvido sob orientação da Professora Doutora Amanda Eloina Scherer, do PPG Letras da UFSM, pesquisadora do Laboratório CORPUS- Laboratório de Fontes e Estudos da Linguagem.

ii Acadêmico do curso de Letras da UFSM, bolsista IC PIBIC/CNPq, participante do Laboratório CORPUS - Laboratório de Fontes e Estudos da Linguagem, no Projeto de Pesquisa Identidade, discurso e

sociedade: a invenção de si e do outro na cultura do ciberespaço.

iii Citação retirada do texto *La nouvelle architecture de l'information*, apresentado pelos autores no colóquio totalmente virtual, *Colloque virtuel Écrans et Réseaux, vers une transformation du rapport à l'écrit?* Este colóquio virtual, ao qual estávamos inscritos, é consagrado a explorar o impacto da Internet sobre a leitura, a escritura e a difusão do saber; são apresentados, neste colóquio, textos relacionados as novas tecnologias. Há textos de autores como Roger Chartier, Roberto Casati, Stevan Harnard, Bruno Patino, Theodore Zeldin, Jason Epstein, Dan Sperber e Umberto Eco. Endereço do site na Internet: <http://www.text-e.org/>

iv aagls@yahoogrupos.com.br

v Deixamos aqui nosso agradecimento ao Professor Luiz Mott, do Departamento de Antropologia da Universidade Federal da Bahia e, também, ao o acadêmico de Psicologia da UNB, Jaques Jesus, pela autorização para utilizar os materiais divulgados na lista de discussão do grupo AAGLS no presente trabalho.

vi A Análise de Discurso se constitui no espaço em que a Linguística tem a ver com a Filosofia e com as Ciências Sociais. Vários conceitos são necessários para que se discuta Análise de Discurso, tais como os conceitos de condições de produção (que compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação), de interdiscurso (que é aquilo que "fala antes, em outro lugar, independentemente (ORLANDI, 1999:36)), de paráfrase, de polissemia, de formação discursiva, de ideologia e de sujeito.

vii Nosso corpus de pesquisa são mensagens trocadas entre participantes de um grupo de discussão do site Yahoo, sendo que, o corpus, de acordo com ORLANDI (1999) é o material de análise em si, que tem na sua delimitação o seguimento de critérios teóricos. Isto significa que na construção do corpus não se visamos a completude do objeto material, à sua exaustividade horizontal (em extensão), ao contrário, no corpus almejamos a exaustividade vertical, considerada em relação aos objetivos da análise e à sua tematização (ORLANDI, 1999:62). O corpus é construído sobre discursos anteriores, formando uma rede, uma trama cujos caminhos não se pode delimitar. O recorte é a ligação entre a construção do corpus e a análise. É o levantamento do objeto material de acordo com os objetivos da análise e da sua temática.

viii Parceria Civil Registrada

ix No que se refere ao entendimento das relações interdiscursivas/intradiscursivas, deixamos aqui marcado a grande ajuda proporcionada pela dissertação *O falar de si como marca constitutiva da alteridade*, de Cristiane Pereira Dias, defendida em 2000, no PPG em Letras da UFSM.